

# 80º aniversário da revolução: Mujeres Libres

---

Laura Vicente

**A** Guerra Civil Espanhola, e a revolução social, que eclodiu em julho de 1936 teve muitos componentes: social, político, cultural, militar, etc. Neste “etc” encontra-se o componente de gênero que esteve presente na guerra e no processo revolucionário que o anarquismo pôs em marcha na Espanha. As mulheres, que tinham melhorado lentamente a sua situação de marginalização e subordinação sistemática (melhoria acelerada no aspecto jurídico durante a Segunda República), apostaram no processo de guerra-revolução e lançaram-se determinadas a não permitir o retrocesso que seria a vitória do grupo insurrecto.

*Mujeres Libres*, tanto a revista em maio, como a organização entre julho e setembro de 1936, nasceu em guerra, nasceu em revolução. As mulheres que fizeram parte desta rede de cordialidade (Lucía Sánchez Saornil, Mercedes Comaposada, Amparo Poch, Soledad Estorach, Pepita Carpena, Concha Liaño, Pilar Granjel, Nicolasa Gutierrez (Nic), Apollonia e Felisa de Castro, Maria Cerdan, Elodia Pou, Áurea Cuadrado e muitas outras), como a chamou Lucía Sánchez, lançaram-se para contribuir para o sucesso da emancipação social e de gênero. A partir dos dois primeiros grupos, os de Madrid e Barcelona, a organização se espalhou e chegou a ter cerca de 20.000 afiliadas e 147 grupos, com especial destaque para o Centro (15 grupos de mais de 13 distritos de Madri) e Catalunha (40 grupos ao longo dos 6 distritos de Barcelona), seguidos de Aragão (14 grupos, dos quais apenas cinco foram localizados), Valência (28 grupos) e Andaluzia (dois grupos: em Granada e



em Almería).

“*Mujeres Libres*”, que se expressou por meio da revista de mesmo nome, foi a única organização que na década de 1930 se propôs a lutar pela libertação das mulheres com a autonomia de seu próprio ambiente libertário e com objetivos de gênero próprios, aos quais não renunciou para ganhar a guerra ou vencer a revolução, consciente de que, sem a libertação do gênero, não haveria vitória possível.

Logo ficou claro que a guerra não seria curta, e que exigiria o apoio de retaguarda e a cooperação das mulheres, ninguém duvidou da necessidade de serem mobilizadas, especialmente nas

áreas em que a revolução acompanhou a guerra. As mulheres ganharam acesso ao espaço e às responsabilidades públicas e houve uma inversão dos papéis tradicionais.

A guerra foi uma experiência de liberdade e responsabilidade sem precedentes para as mulheres. A maioria das trabalhadoras se tornou consciente das suas capacidades e valorizou sua nova independência econômica. Sabemos pouco sobre a natureza íntima da guerra, mas nós sabemos que houve um crescimento nas taxas de ilegitimidade durante o conflito. E a grande novidade foi que a mulher tinha de viver sozinha, sair sozinha e assumir

responsabilidades familiares sozinha, algo que sempre tinha sido considerado impossível e perigoso. As mulheres conquistaram a liberdade de circulação e de ação na solidão e no exercício das responsabilidades: livres do espartilho, dos vestidos longos e apertados, dos chapéus irritantes e, às vezes, dos laços e tranças, apareceram os penteados das mulheres masculinizadas, o uso de calças com as quais o corpo feminino poderia mover, podiam sair sozinhas, explorar a sexualidade e, por vezes, decidir a própria vida. Lucía Sánchez é o exemplo mais claro dessa ruptura de estereótipos nessa imagem em que caminha ao lado de Emma Goldman

com o cabelo curto, calças e gravata, mas não é o único caso. Em Barcelona, as mulheres dos ateneus, antes da guerra, eram tachadas de prostitutas por se atrever a usar calças - até mesmo shorts - e cortar seus cabelos.

O seu grau de consciência feminista levou essas mulheres a questionar o sistema patriarcal e a vincular a emancipação das mulheres com a transformação revolucionária. Com uma abordagem inovadora, estabeleceram a liberdade das mulheres a partir do desenvolvimento da independência psicológica e da autoestima, somente viável valorizando, além da luta social, a luta individual, a “emancipação inter-



*Lucía Sánchez Saornil (esq.), ao lado de Emma Goldman*

na” da qual falava a anarquista Emma Goldman. Assim, as mulheres tornaram-se sujeitos de sua libertação, não só com base na independência econômica, como no empoderamento e na afirmação da personalidade feminina. Liquidada a revolução e perdida a guerra, o triunfo do grupo insurrecto levou a uma ditadura com características fascistas que levou a uma derrota

de gênero de grandes dimensões, unida à derrota política, social, econômica e cultural. O novo regime foi um duro castigo para essas mulheres que, ou foram para um longo exílio, ou viveram um verdadeiro exílio interior, tentando manter uma luta constante para negar a submissão feminina imposta pelo regime franquista.

**Laura Vicente** é historiadora, especialista em anarquismo na Espanha, sobretudo Mujeres Libres. Texto originalmente publicado em: <http://pensarenelmargen.blogspot.com.br/2016/07/80-aniversario-de-la-revolucion-mujeres.html>. Traduzido para o português por Clayton Peron.